

O papel das mulheres nas ações solidárias na Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, em tempos de pandemia

The role of women in solidarity actions in the Rocinha slum, Rio de Janeiro, in times of pandemic

El papel de la mujer en las acciones solidarias en la chabola de Rocinha, Rio de Janeiro, en tiempos de pandemia

Rachel Coutinho Marques da Silva, Ph.D. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGARQ/PUC-Rio).

E-mail: rachelcms@puc-rio.br

 <http://orcid.org/0000-0001-7537-6430>

Fernanda Sobreiro e Cruz, mestrande, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGARQ/PUC-Rio).

E-mail: sobreiro.fe@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8963-2845>

Para citar este artigo: SILVA, R. C. M. da; CRUZ, F. S. e. O papel das mulheres nas ações solidárias na Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, em tempos de pandemia. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 63-77, 2021. DOI 10.5935/cadernospos.v21n1p63-77.

Submissão: 2020-01-09

Aceite: 2021-01-12

Resumo

Este artigo busca explorar o papel protagonista das mulheres nas ações solidárias de ONGs e coletivos na favela da Rocinha, durante a pandemia da Covid-19. Ele parte da premissa de que a produção do espaço da favela sempre teve uma liderança e atuação marcantes das mulheres, seja na produção do espaço doméstico, seja na produção dos espaços coletivos, ou mesmo na militância política ativa nos bastidores das Associações de Moradores, ONGs e coletivos. Personagens esquecidos na história da favela, as mulheres não somente atuaram nas lutas diárias do cotidiano em creches, postos de saúde, mas também na preservação da memória da comunidade. Atualmente, elas continuam a exercer um papel primordial nas lutas e resistências contra a violência, os riscos e a vulnerabilidade social, especificamente na luta contra as remoções, e também podemos observar neste momento a atuação das mulheres nas redes de ação solidária que se desenvolveram em vários grupos comunitários e coletivos durante a pandemia. Nosso artigo está estruturado em quatro seções, a saber: primeiramente abordamos o contexto histórico da Rocinha e a atuação feminina nos vários espaços e fóruns coletivos. Em seguida, faremos um breve histórico dos principais problemas que enfrentam as mulheres no cotidiano da favela, como violência e risco de remoção. Depois falaremos da atuação das mulheres nos movimentos sociais e coletivos na Rocinha na atualidade para, finalmente, trabalhar a atuação específica nas redes de ação solidária durante a pandemia.

Palavras-chave: Assentamentos Informais; Favela da Rocinha; Mulher; Ações solidárias; Pandemia Covid-19.

Abstract

This article seeks to explore the leadership role of women in solidarity actions within NGOs and collective groups in Favela da Rocinha during the Covid-19 pandemic. The basic assumption is that women always had a fundamental role in the production of the favela space, whether in the domestic or in the collective spheres, or even in active political activism backstage in neighborhood associations, NGOs and collectives. Characters forgotten in the history of the favela, women acted not only in the daily struggles in daycare centers or health centers, but also in preserving the community's memory. Currently, they continue to play an important role in the struggles and resistance to violence, risks and social vulnerability, specifically in the fight against forced evictions. We can observe at this moment the performance of women in the solidarity networks that have developed in various communities and collective groups during the pandemic. Our article is structured in 4 sections. Firstly, we approach the historical context of Rocinha and of women's performance in different collective spaces and forums. Next, we will give a brief history of the main problems faced by women in the daily life of the favela, such as violence and the risk of forced evictions. Then, we will talk about the performance of women's social and collective movements in Rocinha today to finally work on specific actions in solidarity networks during the pandemic.

Keywords: Squatter Settlements; Favela Rocinha; Women; Solidarity Actions; Covid-19's Pandemic.

Resumen

Este artículo busca explorar el papel protagónico de las mujeres en las acciones solidarias de ONG y colectivos en la favela de Rocinha durante la pandemia de Covid-19. Parte de la premisa de que la producción del espacio de la favela siempre ha tenido un marcado liderazgo y desempeño por parte de las mujeres, ya sea en la producción del espacio doméstico, ya sea en la producción de espacios colectivos, o mismo incluso en la militancia política activa tras bastidores de Asociaciones de Vecinos, ONG y colectivos. Personajes olvidados en la historia de la favela, las mujeres no solo actuaron en las luchas diarias de la vida cotidiana en las guarderías, centros de salud, sino también en la preservación de la memoria de la comunidad. Actualmente, continúan jugando un papel importante en las luchas y resistencias contra la violencia, los riesgos y la vulnerabilidad social, específicamente en la lucha contra las expulsiones, y podemos observar en este momento el desempeño de las mujeres en las redes de acción solidaria que se han desarrollado en varios grupos comunitarios y colectivos durante la pandemia. Nuestro artículo está estructurado en cuatro secciones, a saber. En primer lugar, abordamos el contexto histórico de Rocinha y la *performance* femenina en los distintos espacios y foros colectivos. A continuación, daremos una breve historia de los principales problemas que enfrentan las mujeres en la vida diaria de la favela, como la violencia, el riesgo de expulsión etc. Luego hablaremos sobre la actuación de los movimientos sociales y colectivos de mujeres en Rocinha hoy para, finalmente, trabajar en acciones específicas en redes de acción solidaria durante la pandemia.

Palabras clave: Chabolos; Favela Rocinha; Mujer; Acciones solidarias; Pandemia Covid-19.

INTRODUÇÃO¹

As mulheres sempre tiveram um grande protagonismo na produção do espaço urbano e socioeconômico nas favelas brasileiras. Um perfil da importância delas nas favelas é a cifra de que 40% das famílias residentes nessas comunidades são mantidas por mulheres, as quais mobilizam uma arrecadação total de recursos nessas áreas da ordem de R\$ 24 bilhões (FROIO, 2015)². Segundo o Censo do IBGE 2010, a população feminina residente em favelas no Brasil é de cerca de seis milhões. A condição de risco e vulnerabilidade das famílias e das próprias mulheres residentes em favelas, as quais têm que lidar com um cotidiano de violência, as impelem para o ativismo político e para a luta por melhores condições de vida nesses territórios (FROIO, 2015). Por outro lado, as mulheres também marcam presença no quesito de empreendedorismo social, no qual observa-se o papel delas na criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs) e de negócios cooperativados ou privados em favelas cariocas. A presença feminina se dá também em veículos de comunicação independente nas favelas, nos quais atuam como repórteres e redatoras³.

Com este histórico de ativismo social e político e de empreendedorismo das mulheres faveladas, com vários exemplos na favela da Rocinha, verifica-se que no momento em que se inicia a pandemia da Covid-19 no Rio de Janeiro, as mulheres passam a ter um papel fundamental nas redes de solidariedade das ONGs e coletivos em várias ações nas favelas. O foco deste artigo é a favela da Rocinha, por conta das pesquisas que vimos desenvolvendo nesse bairro. O artigo procura recuperar o papel histórico que as mulheres sempre tiveram nas lutas por melhores condições de vida na favela, atuando muitas vezes nos bastidores das Associações de Moradores, trabalhando nas creches e postos de saúde, mas também na preservação da memória da comunidade. É de se destacar o papel que exerceram e continuam a exercer na luta contra as remoções.

Um breve histórico do surgimento e da atuação feminina na construção da favela

Localizada na zona sul do Rio de Janeiro, a Rocinha surgiu no início do século XX, quando Gávea e São Conrado ainda eram parte de grandes fazendas. Com a construção da Avenida Niemeyer, em 1916, e os primeiros lotes sendo vendidos para pessoas de baixa renda, em 1920, o assentamento irregular começa a crescer e são demarcadas as primeiras ruas, numeradas de 1 a 4 (SEGALA, 2013; SEGALA; FIRMINO, 2010). Segundo a página Memória Rocinha, do Museu da Rocinha

1 Este artigo é resultante do trabalho de pesquisa "Urbanismo pelo avesso: práticas urbanísticas, inclusão social e autonomia em favelas cariocas", com apoio de CNPq, Capes e Faperj.

2 Esta informação foi retirada do livro de Renato Meirelles e Celso Athaide, *Um país chamado favela*. Embora o IBGE aponte mais de 50% de lares chefiados por mulheres, optamos por trabalhar com o número mais conservador.

3 Um exemplo é o jornal independente *Voz das Comunidades*, fundado em 2005 por Rene Santos no Morro do Adeus, Complexo do Alemão. Jornal atuante até hoje nas reportagens sobre diversos acontecimentos nas favelas cariocas, tem sede agora na favela do Vidigal. A coordenação de jornalismo e a coordenação de comunicação ficam a cargo de duas mulheres, Melissa Canabrava e Gabi Coelho. Foi este jornal que custeou as despesas do enterro da menina Agatha Felix, morta em ação policial, em setembro de 2019. Durante a pandemia de Covid-19 o jornal lançou a campanha Pandemia com Empatia.

Sankofa – Memória e História, em 1933 foi feito o primeiro censo predial, que contabilizou 1.447 casebres na região da favela, que ainda tinha aspecto rural, com construções de madeira e taipa (MUSEU SANKOFA, [s.d.]).

A Rocinha, que a partir de 1993 é reconhecida oficialmente como bairro, segue ocupando o posto de maior favela do país, com aproximadamente 70 mil habitantes, segundo dados oficiais do IBGE 2010⁴. Este número, no entanto, pode não corresponder à realidade: organizações comunitárias dentro da favela estimam que a população residente seja em torno de 200 mil, pois dizem que foram poucas as pessoas que receberam visitas dos recenseadores do Censo Demográfico de 2010 (TABAK, 2011). A presença das associações de moradores, que intercedem politicamente pelos que residem na Rocinha, é forte e atuam desde 1961, quando foi fundada a primeira associação – a União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha (UPMMR) (SEGALA, 1991; SEGALA; FERREIRA, 1983)⁵.

Embora as atividades dessa associação tenham sido encerradas durante o período da ditadura militar, foram logo retomadas, em 1977, por um grupo de mulheres que passaram a liderar movimentos de melhorias no bairro. As campanhas lideradas por elas tiveram grande impacto no cenário da favela e geraram melhorias no saneamento e no acesso, como a construção de uma passarela na autoestrada Lagoa-Barra, que foi conquistada pela UPMMR, em 1978.

A luta pela criação de creches e alfabetização das crianças da Rocinha foi longa, começando em 1980 com a participação da moradora Francisca Elisa Medeiros Piroso, que se tornou uma das figuras principais para que o projeto se concretizasse. Segundo dona Francisca, as mulheres trabalharam em colaboração para que fossem implantadas treze creches, já que as escolas públicas eram escassas e não contavam com vagas suficientes para as crianças (VIVA FAVELA, 2014). Em entrevista, Dona Francisca conta, inclusive que, juntas, as mulheres buscaram criar um curso noturno de formação de professores, para que pudessem ensinar de maneira adequada.

Francisca foi uma das primeiras dentre milhares de mulheres que trabalham para trazer serviços e qualidade de vida para a Rocinha, enquanto enfrentam os desafios constantes que fazem parte do viver na favela.

Os desafios das mulheres moradoras da favela

Como já comentado, as mulheres são chefes de família em cerca de 40% dos domicílios em aglomerados subnormais em todo o Brasil (FROIO, 2015). Na favela da Rocinha, na zona sul do Rio de Janeiro, por exemplo, este número é de 46,49%,

4 Em 2017, o IBGE estimou em 100 mil habitantes a população da Rocinha.

5 Hoje em dia, além da UPMMR, existem outras quatro associações de moradores na favela da Rocinha: a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Barcelos (Amabb), a Associação de Moradores e Amigos da Vila Laboriaux (Amavl), a Associação de Moradores da Rua Capuri e Adjacências (Amocad) e a Associação de Moradores da Rua Nova e Adjacências.

embora a renda média dessas mulheres seja mais de R\$ 200,00 inferior à dos homens⁶.

De acordo com Tavares, é importante ressaltar que dados separados por gênero não são sequer levantados nos diagnósticos sociais que precedem a implementação de projetos sociais, de urbanização e moradia. Além disso,

[...] é fundamental destacar que o fato de as mulheres se tornarem chefes de família não necessariamente modifica a estrutura valorativa das relações de gênero. Pelo contrário, as mulheres são mais pressionadas a 'dar conta' de múltiplas responsabilidades agregadas (TAVARES, 2015, p. 40).

Segundo Tavares, no contexto da favela, as mulheres acabam residindo em áreas mais precárias e sujeitas ao risco ambiental, por serem áreas mais baratas (TAVARES, 2015, p. 40); e morar nesses locais mais vulneráveis vem acompanhado de um aumento da possibilidade de remoção.

Ao final de 2019, o governador Wilson Witzel anunciou um ambicioso projeto de urbanização, o Comunidade Cidade, que investiria R\$1,5 bilhão em três favelas do Rio, incluindo a Rocinha. Entre as promessas do projeto estavam a melhoria da infraestrutura e saneamento, no entanto, junto a elas vem a iminente remoção de 7.400 famílias – aproximadamente 30 mil moradores – de suas casas para dar espaço às obras (PICOLLO, 2019). Este número é crítico quando comparado ao número total de habitantes da Rocinha que, segundo organizações comunitárias, gira em torno dos 200 mil: em uma matemática aproximada, 15% de todo o bairro da Rocinha estaria ameaçado de remoção. Embora não estejam disponíveis dados quantitativos, a presença de famílias comandadas por mulheres dentre as que serão removidas é certa, e as dificuldades para elas se somam. No acompanhamento das reuniões do coletivo Rocinha Sem Fronteiras, do qual o nosso grupo de pesquisa participa, ouvimos as preocupações de muitas mulheres que vão às reuniões em busca de maiores informações e de apoio da comunidade e da Defensoria Pública para resistir às remoções.

As políticas públicas costumam considerar a dimensão de gênero apenas quando são reforçados os papéis sociais tradicionais, da visão da mulher como mãe: os programas associados às mulheres, principalmente quando se trata dos assentamentos informais, são as creches, pracinhas e postos de saúde.

A identidade que as mulheres da favela recebem, intimamente ligada à maternidade, vem dessa visão tradicional do papel feminino, além de fatores particulares das mulheres pobres que reforçam esse *status*: a substituição das mães da cidade formal, no papel de babás e empregadas domésticas, ou as mães dos jovens que morrem pelo tráfico e pela violência policial, como as Mães de Acari⁷.

⁶ Sistema de Assentamentos de Baixa Renda, Sabren.

⁷ Mães dos desaparecidos da Chacina de Acari em 1990, quando 11 jovens moradores da favela de Acari foram retirados do sítio em que passavam o dia por um grupo que se identificou como sendo policiais. Os corpos nunca foram encontrados, e as mães ainda lutam por justiça.

Ser mãe na favela é um trabalho que muitas vezes vem acompanhado da dor da perda. Nas favelas, onde a segurança é desafiada continuamente e a violência se materializa no território, as mulheres são impulsionadas a lutar pela liberdade e dignidade negada aos seus filhos. E além da violência policial e do tráfico, as mulheres enfrentam ainda agressões contra seu corpo, e dentro da favela isso é acentuado.

Segundo dados do Dossiê Mulher 2019 do Instituto de Segurança Pública, 57,4% das vítimas de estupro no Estado do Rio de Janeiro foram mulheres pardas e negras, 80,6% solteiras e, em sua maioria (68,5%), eram crianças ou adolescentes.

Em 2019, mais da metade dos casos de violência contra a mulher na Rocinha ocorreram dentro da residência, pelas mãos de conhecidos. Os dados do dossiê revelam que, dentro da favela, em 66,7% dos casos de estupro, o agressor era desconhecido; mas filtrando os dados para agressões físicas e tentativas de homicídio, esses dados disparam para 71,5% de agressores companheiros ou ex-companheiros.



Figura 1: Dados de violência contra a mulher na área da Rocinha, retirados do Dossiê Mulher 2019, realizado pelo Instituto de Segurança Pública. Fonte: Instituto de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ispvisualizacao.rj.gov.br:4434/Mulher.html>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Na lógica das cidades, a mulher que anda na rua está fora de seu espaço. A ideia de que o masculino é dono do espaço público e o feminino do privado cria um ambiente no qual cabe ao homem o domínio do corpo da mulher. Dentro da favela, território onde o tráfico e as milícias fazem as vezes de polícia local, o corpo da mulher fica sujeito a qualquer tipo de invasão, física ou psicológica, dado o pouco respeito que lhe é atribuído. No entanto, viver em um território onde o corpo está constantemente ameaçado não faz das mulheres da Rocinha apenas vítimas da cidade, mas justamente o contrário: a participação feminina na luta para reconceber a cidade e desafiar os limites da violência e do patriarcado é intensa e notável.

Mulher e coletividade: a participação feminina na criação da comunidade

O projeto de pesquisa “Urbanismo pelo avesso: práticas urbanísticas, inclusão social e autonomia em favelas cariocas”, sob a coordenação da professora Rachel Coutinho Marques da Silva, busca investigar a participação comunitária nos projetos urbanos em favelas cariocas, a partir de políticas públicas oficiais e a partir das relações entre as equipes de capacitação, organizações não governamentais e moradores locais para avaliar os impactos do Programa de Aceleração do Crescimento – Urbanização de Assentamentos Precários (PAC-UAP) em favelas cariocas. A pesquisa tem como foco três favelas da cidade do Rio de Janeiro – Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, Babilônia/Chapéu Mangueira e Rocinha –, que receberam não só obras públicas por meio do PAC-UAP, mas também tiveram a experiência das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

Ao analisar o histórico de ações comunitárias, seja por meio de associações de moradores, ONGs ou coletivos, fica evidente que as mulheres são agentes ativas na mudança das favelas e da cidade onde vivem. Um outro foco de atuação das mulheres na favela é o empreendedorismo, com a criação de negócios na favela. Para ilustrar rapidamente este papel, podemos destacar a participação feminina na pessoa de Michelle Silva na cofundação do jornal *Fala Roça*. Criada e ainda moradora da Rocinha, formada em Comunicação, Silva tem uma atuação nessa mídia independente, de forma a prestar um serviço de comunicação autônomo para os moradores e também para as redes externas à favela.

Outro exemplo de empreendedorismo na Rocinha é o Coopa-Roca – Cooperativa de Trabalho Artesanal e de Costura da Rocinha, com mais de 35 anos de existência, sob a gestão de Maria Teresa Leal. De forma cooperativada, esse projeto permite que as mulheres trabalhem em casa, conciliando casa e trabalho. Centenas de artesãs foram capacitadas no projeto, que foi se ampliando ao longo do tempo e ganhou visibilidade nacional e internacional, segundo o *site* da cooperativa.

Na Rocinha, foram identificadas pelo grupo de pesquisa 81 ONGs e iniciativas com participação local. Estas foram catalogadas e separadas em diversas áreas de atuação (Figura 2). Cresceram em número após o início do PAC-UAP as iniciativas que distribuem informação sobre o dia a dia da favela para os moradores, por meio de jornais impressos ou virtuais e páginas nas redes sociais.

ONGs, Coletivos e Mídias Comunitárias na Rocinha: Temáticas Predominantes

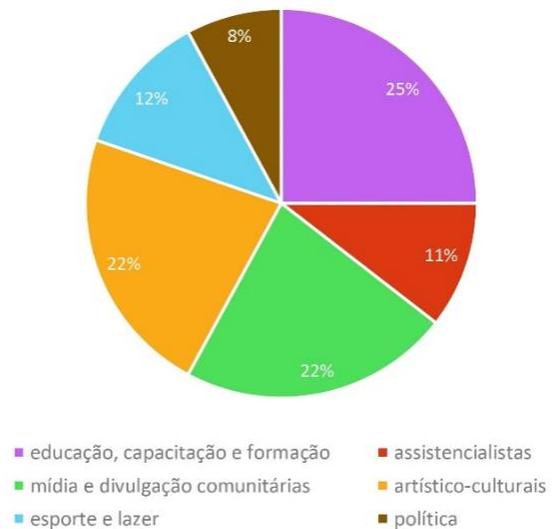


Figura 2: Dados sobre as ações solidárias presentes na Rocinha. Fonte: Dados coletados pelo grupo de pesquisa Urbanismo e Práticas Urbanísticas e Sociais, em 2020.

Destaca-se a página Rocinha.org que, além de divulgar notícias sobre tiroteios, operações policiais, empregos e cursos gratuitos, chegou a organizar um programa que oferecia ingresso gratuito para cinema e teatro aos moradores. Estão presentes também importantes iniciativas culturais, como o Museu Sankofa – Memória e História da Rocinha, criado em 2008, que coleta histórias de moradores para criar um patrimônio imaterial histórico da favela e que conta com um *site* para reunir todos esses dados, o Memória Rocinha, em parceria com o Instituto Moreira Salles.

Embora as lideranças masculinas ainda sejam predominantes, a participação das mulheres é forte, principalmente nas iniciativas relacionadas à educação e capacitação dos moradores (Figura 3). O gráfico a seguir mostra que as mulheres estão à frente de movimentos com diversas temáticas, em sua maioria com o intuito de trazer inclusão social e melhor qualidade de vida aos moradores da Rocinha.

ONGs, Coletivos e Mídias Comunitárias na Rocinha: Lideranças Femininas - Temáticas Predominantes

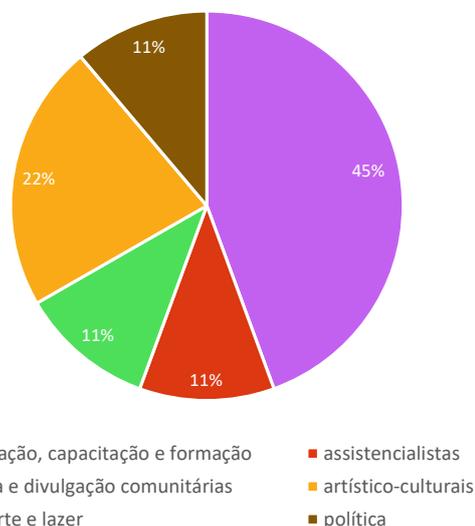


Figura 3: Dados sobre as lideranças femininas dentre as ações solidárias presentes na Rocinha. Fonte: Dados coletados pelo grupo de pesquisa Urbanismo e Práticas Urbanísticas e Sociais, em 2020.

Iniciativas com liderança feminina, como a Coopa-Roca – acima mencionada, trabalham capacitando mulheres para que possam gerar renda e ampliar o orçamento familiar. O Coopa-Roca atualmente coordena o trabalho de mais de cem mulheres moradoras da Rocinha, que trabalham de suas casas, sem se afastar do cuidado dos filhos e da família. O reconhecimento das nuances do trabalho da mulher, que não se limita ao emprego, mas se expande até os cuidados domésticos, faz parte da missão dessas iniciativas locais, que buscam melhorar a qualidade de vida das moradoras da favela.

As mulheres também estão profundamente inseridas nas discussões políticas dentro da Rocinha: elas dividem a liderança de dois dos principais coletivos com essas temáticas: o Rocinha Resiste e o Rocinha sem Fronteiras. O segundo é formado por moradores e voluntários para criar um diálogo que esclareça os direitos de quem mora e trabalha na favela. Em reuniões mensais, os participantes buscam ajudar os moradores com questões relacionadas principalmente a saneamento básico e moradia digna, como, por exemplo as remoções causadas pelos projetos de urbanização, como o Comunidade Cidade, ou as consequências dos deslizamentos e enchentes de janeiro de 2018. O movimento feminista também está presente na Rocinha na forma de grupos como o Coletivo de Mulheres que Estudam Mulheres (Comem), uma rede feminina de solidariedade horizontal, e a União de Mulheres Pró Melhoramento da Roup Suja, que atua atendendo crianças e famílias da Roup Suja – um sub-bairro da Rocinha – por meio de assistência social, saúde e educação.

A pandemia da Covid-19: ações solidárias e repercussões

Com a chegada da Covid-19 ao país em março de 2020, as favelas do Rio de Janeiro precisaram dar uma resposta rápida à crescente ameaça da pandemia. Além do perigo da doença, a pandemia revelou outros cenários de opressão no país: a necessidade de isolamento social, uma das medidas mais eficazes contra o vírus, segundo a Organização Mundial da Saúde, deixou as mulheres mais vulneráveis à violência doméstica. No interior das favelas a situação se agravou. Embora não se tenha dados oficiais para a Favela da Rocinha, pesquisas realizadas na Baixada Fluminense mostram que o confinamento à vida domiciliar com a quarentena dificultou a elaboração do boletim de ocorrência e gerou um padrão de piora em muitos assentamentos subnormais.

A pandemia de Covid-19 atinge o Estado do Rio de Janeiro com bastante força, mostrando a vulnerabilidade do sistema de saúde para lidar em tão pouco tempo com tantos casos de contaminação. Sendo uma cidade com alta densidade construída e com tantos assentamentos precários, a Covid-19 disseminou-se rapidamente nos primeiros três meses de 2020. Nas favelas, nas quais a infraestrutura de saneamento básico e as condições habitacionais são muito precárias, com situações de pouca ventilação e excesso de moradores por unidade habitacional, a disseminação do vírus alastrou-se rapidamente. Até maio de 2020, a estimativa de casos de Covid-19 na favela da Rocinha, segundo o jornal *Fala Roça*, era de 90 casos confirmados e 17 óbitos. Os dados oficiais mais recentes do Data.Rio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro apontam que até o final de 2020, a Favela da Rocinha teve 989 casos confirmados e 64 óbitos. Tem-se que ter em conta a subnotificação (DATA.RIO, 2020).

No interior da Rocinha, foram mapeados pelo grupo de pesquisa pelo menos 20 ONGs e coletivos que se reorganizaram para atender às demandas que surgiram, de máscaras, materiais de limpeza e até mesmo de cestas básicas para atender aos que perderam seus empregos. Novas iniciativas foram criadas, a exemplo do Favela Sem Corona, que promoveu campanhas de conscientização, distribuição de testes de Covid-19 e de EPIs para os profissionais de saúde que atuaram dentro da favela.

O Coletivo Rocinha Resiste já vinha atuando como rede de apoio em situações emergenciais, como no caso das enchentes em 2019, e rapidamente se adaptou, fazendo parte da elaboração do Plano de Ação contra o vírus nas favelas do Rio e oferecendo um curso gratuito de meios de comunicação comunitária para registro da Covid-19 na Rocinha. Ao mesmo tempo, também serviu como rede que conecta doadores e voluntários com as instituições de assistência locais. Este coletivo tem uma presença feminina bastante significativa, e duas das cofundadoras são mulheres moradoras da Rocinha, Michelle Lacerda e Magda Gomes⁸.

As lideranças femininas também se articularam para contribuir para a saúde dos moradores da Rocinha: as mulheres da União de Mulheres Pró Melhoramento da Roup Suja, que precisaram fechar as creches comunitárias para evitar o contágio,

⁸ Michelle Silva é graduada em Gestão de Recursos Humanos e assessora parlamentar atuante na Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Alerj.

captaram doações e montaram cestas básicas para 100 famílias da territorialidade da Roupas Sujas que dependiam das refeições nas escolas para alimentar suas crianças. Já a Coopa-Roca foi responsável por uma ação que produziu 500 mil máscaras de tecido em colaboração com costureiras de outras regiões, para serem distribuídas em áreas vulneráveis do Estado do Rio.

No entanto, a pandemia também tem efeitos negativos sobre o empoderamento das mulheres em áreas de vulnerabilidade, como aponta recente estudo da seção Mulheres das Organizações das Nações Unidas (ONU). Segundo a nota, anos de progresso limitado e frágil na igualdade de gênero e dos direitos das mulheres podem regredir significativamente.

Em uma outra reportagem na ONU-Mulheres destacam-se também os efeitos da desigualdade racial e de gênero durante a pandemia no Brasil, onde as perdas financeiras e de saúde decorrentes do vírus recaem com muito mais força sobre mulheres, negros e pobres. Segundo a reportagem, o emprego informal abrange 39% dos trabalhadores e trabalhadoras pretas e pardas, contra 29,9% de brancos e brancas. São essas pessoas que mais perderam renda na pandemia⁹.

A pesquisadora Márcia Lima, que coordena estudo sobre a pandemia de Covid-19 com foco nas desigualdades raciais e de gênero, aponta que são as mulheres negras as mais atingidas, pois muitas são trabalhadoras domésticas que perderam seus empregos, ou estão sujeitas a condições de muita vulnerabilidade no trabalho¹⁰.

Nesse cenário, as ações solidárias durante a pandemia de Covid-19 na Rocinha revestem-se de suma importância, pois buscam atender de diversas formas as pessoas mais atingidas pela pandemia, seja com alimentos, materiais de limpeza, máscaras, atendimento psicossocial, dentre as principais. As ONGs e coletivos atuantes antes da pandemia em assuntos de defesa dos interesses da comunidade rapidamente absorveram novos papéis e entraram na linha de frente das ações comunitárias.

Considerações finais

Este artigo procurou destacar a importância histórica das mulheres na construção do espaço urbano e social da favela da Rocinha, desde sua participação nos espaços de trabalho, como creches e postos de saúde, como também nas lutas diárias pelas melhorias das condições de vida da comunidade. A participação comunitária já existente ganhou ímpeto com as políticas institucionais de participação fomentadas pelo trabalho social durante a implementação do PAC-UAP na Rocinha, e apesar de ganhos e perdas do projeto, estimulou novos coletivos e ações solidárias, seja contra remoções forçadas, seja na ajuda em redes de solidariedade durante as enchentes de 2018. Em vários episódios de

⁹ Este tema foi levantado em uma das quatro *lives* da série “Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em tempos de crise e da pandemia Covid-19”, promovidas pelo Canal Preto e pela ONU Mulheres.

¹⁰ Depoimento de Marcia Lima, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e coordenadora do Afro-Núcleo de Pesquisa sobre Raça, Gênero e Justiça Racial do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Afro-Cebrap).

violência e de desastres, verifica-se a presença dessas ONGs e coletivos em ação de luta, de resistência e de apoio em rede.

Os desafios diários do viver em um território conflagrado impulsionam as mulheres na direção da luta por condições melhores e mais seguras de vida, mostrando que o papel feminino na construção da sociedade dentro da favela é de agente ativo, e não passivo. O contínuo aumento da violência na favela é uma das maiores preocupações da vida na Rocinha, e quando somado ao número de quase 50% de chefes de domicílio femininas, mostra as condições desafiadoras com as quais essas mulheres precisam lidar diariamente.

A liderança das mulheres da Rocinha é notória e vem desde o início da história deste assentamento, quando as mulheres protagonizaram diversos movimentos para melhorar o saneamento e a educação do lugar. Hoje em dia, as ONGs e Redes de Solidariedade contam com a ação dessas líderes para continuar trazendo oportunidades e melhorias para a favela, inclusive mais recentemente, durante a pandemia de Covid-19 no país.

Apesar dos desafios impostos pela pandemia e pela violência, as mulheres faveladas, especialmente as da Rocinha, continuaram se unindo, promovendo ações solidárias, protagonizando no âmbito das ONGs, creches e postos de saúde um papel importante e, como sempre, cuidando da sua comunidade.

REFERÊNCIAS

- A COVID-19 encontra no Brasil uma enorme desigualdade racial, afirmam especialistas. *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/88991-covid-19-encontra-no-brasil-uma-enorme-desigualdade-racial-afirmam-especialistas>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- COOPA-ROCA. O artesanato têxtil no Rio de Janeiro e a Coopa-Roca 2017. Disponível em: <https://www.coopa-roca.com.br/single-post/2017/10/27/Nossa-Hist%C3%B3ria-1>. Acesso em: 7 jan. 2021.
- COUTINHO, M. da S. R. A Radical Strategy to Deal with Slum Upgrading in the City of Rio de Janeiro, *In*: VINCENT-GESLIN, S.; PEDRAZZINI, Y.; ADLY, H.; ZORRO, Y. (ed.). *Translating the city: interdisciplinarity in urban studies*. Oxford and Lausanne, Routledge/EPFL Press, 2015. p. 57-72.
- DOSSIÊ MULHER 2019. *Instituto de Segurança Pública*. Disponível em: <https://www.ispvisualizacao.rj.gov.br:4434/Mulher.html>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- FREIRE-MEDEIROS, B. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Rev. Bras. Ci. Soc. [on-line]*, v. 22, n. 65, p. 61-72, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 maio 2021.

FROIO, N. Prestando homenagem às mulheres da favela no Dia Internacional da Mulher. *RioOnWatch*, Rio de Janeiro, 8 mar. 2015. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=13638>. Acesso em: 24 ago. 2020.

LEON, F. Periferias da Baixada Fluminense têm violência doméstica potencializada pelo coronavírus. *RioOnWatch*, Rio de Janeiro, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=47487>. Acesso em: 26 ago. 2020.

MEIRELLES, R.; ATHAYDE, C. *Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*. São Paulo: Gente, 2014.

MUSEU SANKOFA. *Linha do Tempo – Memória Rocinha*. Disponível em: <http://memoriarocinha.com.br/linha-do-tempo/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

PAINEL RIO COVID-19. *DATA.RIO*. Disponível em: https://www.data.rio/app/painel-rio-covid-19?fbclid=IwAR2eZbt5_EOpeXwMQXGYX0nzEoNyYVWa1_VD692BQ4WyPs6F-MwMIEiZN4w. Acesso em: 7 jan. 2021.

PANDEMIA pode prejudicar frágil progresso alcançado para mulheres e meninas, alerta chefe da ONU. *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/89213-pandemia-pode-prejudicar-fragil-progresso-alcancado-para-mulheres-e-meninas-alerta-chefe-da>. Acesso em: 27 ago. 2020.

PICCOLO, C. Até 30% dos moradores da Rocinha correm risco de remoção se o plano de reurbanização do governo avançar. *RioOnWatch*, Rio de Janeiro, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=44853>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SABREN. *Sistema de assentamentos de baixa renda*. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SEGALA, L. *O riscado do balão japonês: trabalho comunitário na Rocinha (1977-1982)*. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS-Museu Nacional.

SEGALA, L.; FERREIRA, T.; e UNIÃO PRÓ-MELHORAMENTOS DOS MORADORES DA ROCINHA (org.). *Varal de lembranças: histórias da Rocinha*. Rio de Janeiro: Editora Tempo e Presença/SEC/MEC/FNDE, 1983.

SEGALA, L.; FIRMINO, A. C. *Memória Social, museu e trabalho comunitário na Rocinha*. Cultura e extensão universitária: A democratização do conhecimento. São João Del Rei: Malta, 2010.

SEGALA, L. (org.). *Museu comunitário, performance memorial e disputas políticas: o caso do Sankofa Museu na Rocinha, região metropolitana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Laboep/ Feuff, 2013.

TABAK, B. Maior favela do país, Rocinha discorda de dados de população do IBGE. *G1*, Rio. Rio de Janeiro, 21 dez. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/12/maior-favela-do-pais-rocinha-discorda-de-dados-de-populacao-do-ibge.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

TAVARES, R. B. *Indiferença à diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero*. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VIVA FAVELA. Dona Eliza, a educação e a Rocinha. 2014. (9m23s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=476&v=RBAI0y3UaqY&feature=emb_logo. Acesso em: 27 ago. 2020.